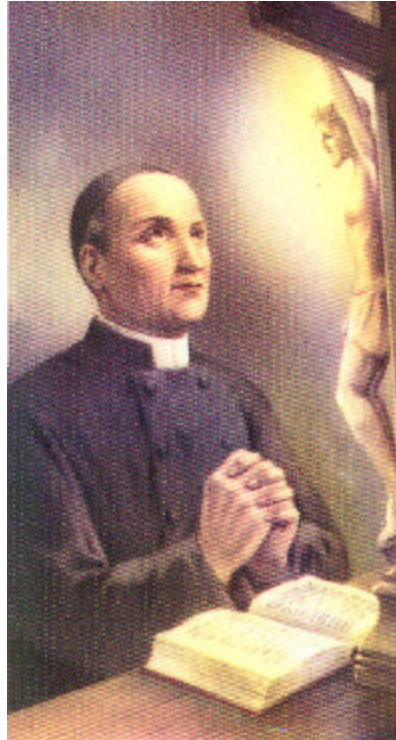


A Experiência de Jesus Cristo na Vida



do Pe. Gaspar Bertoni

Pe. Joseph Charles Henchey, CSS

1983

Tradução do original em Inglês para o Italiano:
Pe. Giovanni Zampieri, CSS (1984)

Tradução do Italiano para o Português:
Pe. Benedito A. Bettini, CSS (1985)

Edição Eletrônica – Janeiro de 2004
Última atualização: Março de 2004

O AUTOR



Pe. Joseph Charles Henchey, CSS, nasceu em Woburn, Massachusetts, Estados Unidos, cidade próxima a Boston, em 2 de Junho de 1930.

Entrou para a Congregação dos Sagrados Estigmas em 6 de Janeiro de 1946 e foi ordenado Sacerdote Estigmatino em Roma, Itália, em 1º de Julho de 1956.

Viveu 32 anos em Roma, sendo 10 anos como Conselheiro Geral, e ensinou também na Pontifícia Universidade de São Tomas [ANGELICUM] [PUST] em Roma por mais de 20 anos. Dentre seus estudantes ilustres estiveram dois Estigmatinos Brasileiros: † Dom Moacyr José Vitti, CSS, Bispo de Piracicaba, SP, e † Dom José Alberto Moura, CSS, Bispo de Uberlândia, MG.

Atualmente, Pe. Henchey é Diretor Espiritual Assistente no Seminário Nacional Bem-Aventurado Papa João XXIII, em Weston, Massachusetts, para homens de segunda carreira, que desejam viver o restante de suas vidas como sacerdotes.

Por toda sua vida Estigmatina, Pe. Henchey tem sido um estudioso de São Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas.

Ele pode ser encontrado em: jhenchey@rcn.com

ou: Stigmatines – Bertoni Hall
554 Lexington Street
Waltham, MA
02452-3097
Estados Unidos da América

ÍNDICE

Página

Introdução		4
Primeira Parte: Um Encontro Pessoal com Cristo		6
A.	Os Caminhos para uma Experiência Viva de Cristo	6
	1. Contemplação	7
	2. Estudo	8
	3. Respeito pelo Magistério	8
	4. Experiência Espiritual	9
B.	Cristo na Vida de Pe. Gaspar	11
	1. O Carisma	11
	2. Desenvolvimento Gradual	11
C.	Cristo na Oração de Pe. Gaspar	14
	1. Disponibilidade ao Pai traduzida na Oração	14
	2. A oração revela e alimenta o progresso espiritual	17
Segunda Parte: A Serviço (Obséquio) de Cristo		19
A.	Cristo, o Servo do Pai	19
	1. Os Anos da Juventude	20
	2. O Abandono como Imitação Concreta de Cristo, Servo do Pai	21
	3. Cristo na Sua Obediência ao Pai, até a Morte, Modelo de Santo Abandono	22
B.	Cristo Esposo	29
	1. Cristo Esposo da Igreja	29
	2. Cristo Esposo da Alma	32
	3. Abandono Nupcial	34
Conclusão		35
	Notas	37

INTRODUÇÃO

No início da carta de São Paulo aos Efésios encontramos uma síntese maravilhosa de vocação cristã. Daí podemos facilmente concluir que a vida cristã se desenvolve em uma dupla reação: relação do homem com o Pai e com o Filho Jesus Cristo (Ef 1,2ss).

1. As grandes linhas da espiritualidade de Pe. Gaspar, como a missionariedade, a humildade, o abandono desenvolvem-se na perspectiva do mistério da criação, objeto familiar de contemplação.

“É ao homem que pertence preparar a sua alma (Pr 16,1)” – diz a Escritura, e nosso Senhor também revelou a Vossa Senhoria. Portanto, com o auxílio divino, não digo que use diligência para preparar, mas sim que a use grande, delicada e finíssima para ter sempre preparada sua alma para as visitas de Sua Majestade. “Não deixes de rezar sempre” (Sl 18,22), continua a dizer o Espírito Santo. A melhor preparação para ouvir a palavra suavíssima do nosso Criador é: o cuidado com o silêncio, o afastamento das conversas, e a fuga das futilidades (1).

Muitas vezes Pe. Gaspar invoca Deus como “Criador”, e à medida em que a história da sua vida vai se manifestando, pode-se perceber que ela está comprometida com o abandono à divina Providência, como criação em desenvolvimento. Dentro deste mistério ele, com profunda autenticidade, abandona sua vida nas mãos de Deus.

Também a vocação e, especialmente o seu sacerdócio, Pe. Gaspar os vê sob a luz do mistério da criação.

“Criar é fazer do nada: nada de merecimento, nada de imposição nossa; porque o que temos é dom de Deus... Nós somos uma bela nulidade: os antigos pecadores. Estando com o que é nosso, não devemos elevar-nos acima dos nossos irmãos, mas mantermo-nos humildes, como que revestidos de uma dignidade inferior à deles (cf. MS 2262 e 2263).

O sentido do pecado e da fraqueza humana são fatores importantes para Pe. Gaspar, que o ajudam a descobrir a graça como “consortium”, como relação íntima com o Criador.

Sempre na perspectiva do mistério da Criação, Pe. Gaspar vê o “progressus”, o crescimento espiritual ao longo de toda a vida, como uma nova criação.

“Ah! Meu criador!, meu verdadeiro princípio e meu Deus! Eis que, somente pela minha língua, todas as vossas criaturas, prostradas em vossa presença, confiantemente unidas em um único desejo, com nova e forte instância vos rogam: “criai-nos um coração puro” (Sl 50,19)... quem jamais poderá tirar do nada e dar uma nova vida a alguma coisa – não direi coisa tão boa como a vossa graça, que limpa, purifica, que aformoseia nossos corações, se não somente vós, ó meu Deus...

E é por isso que, sabendo que vos são agradáveis os nossos bons desejos, ousamos pedir que renoveis um espírito reto em nosso interior... Renovai o nosso espírito, ó meu Deus... Fazei que seja novamente reto, com a retidão com que o criastes, elevando-o a grandes esperanças em Vós; para que cada dia nos possa provar quanto sois bom, ó meu Deus, para os que são retos de espírito (Sl 72,1). E possamos, finalmente, um dia, não mais debaixo de véus e à sombra escura da fé, como agora Vos adoramos debaixo das Sagradas Espécies, mas face a face, conforme prometestes aos puros de coração, contemplar-Vos, amar-Vos, possuir-Vos por todos os séculos, verdadeiro centro, único término e fim último dos nossos corações: cria um coração puro em mim, ó Deus, e renova o coração reto em seu interior” (2).

Mesmo no âmago da contemplação eucarística, Pe. Gaspar sente sua vida como “ofertório”, oblação total, como “obséquio do Criador”: “Festa do Sagrado Coração. Na Missa, durante a Consagração em toda a Ação de Graças, muitas lágrimas de comunhão e de afeto: em particular, na Comunhão, senti por um momento o espírito como que desligado de toda a criatura, em obséquio ao seu Criador” (3).

2. A mesma relação com Cristo delinea-se em torno da fundamental mensagem bíblica do batismo, que apresenta a vida cristã como uma total inserção do crente na vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo (Cf Rm 6,2ss; Fl 3,10-21; Cl 2,12ss; Tt 3,5ss – Somos novas criaturas – cf. Rm 8,11; 2Cor 5,17; Ef 2,15).

A presença de Cristo aparece de modo marcante no pensamento e na vida de Pe. Gaspar. Ele escreve no seu diário espiritual:

“Na bênção, sentimento de muita ternura, amor e criação; pude perceber como Cristo atrai nossos corações, exatamente como Ele mesmo disse: “atrairei todos a mim”, assim também todo bem, sabedoria e suavidade que há nas criaturas são todos dons dEle; por isso tudo, só Ele deve ser louvado e amado” (4).

Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da presença divina, confiança, amor, desejo de me transformar nEle e que Jesus viva em mim, não mais eu. Depois da Missa terminou esta graça de comum-união; mas retornou, como quando estava na Igreja, durante o trajeto que percorri para realizar negócios da família” (6).

Através de um panegírico de S. Francisco, aparece de modo evidente a experiência íntima e cotidiana de Cristo –

“..., chegou a tornar-se quase que um mesmo espírito com Cristo, de tal modo que, finalmente, pude dizer: “Vivo eu, já não eu, é Cristo que vive em mim” por uma total e perfeita transformação de amor: “ut Christus lucrificiam, et invaniar in ello”, perdendo-se inteiramente, para encontrar-se totalmente em Cristo; de tal modo que não se pensa mais encontrar Francisco, se não com Cristo, ou melhor, em Cristo; quase diria que nem se pode distinguir apenas Francisco de Cristo: desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo” (MS 1870).

De uma análise em conjunto dos escritos bertonianos pode-se deduzir que o hino cristológico contido na carta de São Paulo aos Filipenses (Fl 2,6-11) teve uma grande repercussão no espírito de Pe. Gaspar.

São Paulo nos apresenta uma síntese da vida de Jesus Cristo:

- Existência desde toda eternidade;
- Uma Kenosis que atravessa toda vida terrena
- A exaltação e a volta ao Pai.

Pe. Gaspar tornou seu o modelo apresentado por Cristo. Ele estava profundamente convencido de ter sido chamado desde toda a eternidade para um plano divino; ele viveu a sua Kenosis durante toda a vida, por mais de setenta anos; a tudo isto seguiu a sua entrada na glória, culminando com sua beatificação pela Igreja.

1^A. PARTE: UM ENCONTRO PESSOAL COM CRISTO

A) OS CAMINHOS PARA UMA EXPERIÊNCIA VIVA DE CRISTO

O nº. 8 da Constituição conciliar “Dei Verbum” apresenta os caminhos pelos quais a tradição da Igreja se desenvolve e se enriquece. Parece que esse trecho do documento sobre a Revelação esteja extremamente ligado e constitua um paradigma útil quando se quer enquadrar e experiência de Cristo e, em geral, a espiritualidade de Pe. Gaspar. Os caminhos indicados pelo documento são:

- A CONTEMPLAÇÃO
- O ESTUDO dos fiéis que enriquecem e conservam no próprio coração as realidades da fé (Lc 2,19-51)a
- A EXPERIÊNCIA da vida cristã que leva a um profundo conhecimento das coisas espirituais

- O MAGISTÉRIO daqueles que receberam o carisma da verdade através da sucessão apostólica.

1. A CONTEMPLAÇÃO. O escopo da oração para um missionário apostólico é a união com Deus. Esta união com Deus depois é repartida, colocada a disposição dos outros, à semelhança de Cristo.

Através da história da salvação, a Sagrada Escritura nos apresenta grandes modelos de contemplação, como Moisés (Nm 12,6...), Jeremias (Jr 42,1-10). Modelos que aparecem também na vida da Igreja.

É preciso fazer uma particular menção a Santo Inácio, devido à especial importância que este santo teve na espiritualidade de Pe. Gaspar.

Nos exercícios espirituais é lembrada a prática básica do discernimento da vontade de Deus, que é chamada “Eleição”. Este é um exercício que tende a penetrar o mistério da vontade de Deus, debaixo da ação dos dons do Espírito Santo, particularmente dos dons do Conselho e da Sabedoria. A tradição dos Jesuítas diz que Sto. Inácio passou quarenta dias em oração, com a finalidade de tomar a decisão se as igrejas oficiadas pelos jesuítas poderiam ou não receber ofertas. A razão desse problema era que Sto. Inácio e seus companheiros já haviam estabelecido que sua atividade apostólica fosse orientada pelo princípio “gratis omnino”, e por isso surgia o problema se as igrejas por eles cuidadas poderiam receber ofertas. Neste ponto Sto. Inácio era de parecer contrário aos seus companheiros. Pode-se, pois, notar que toda a primeira parte do Diário Espiritual é a crônica da busca da vontade de Deus a respeito desse problema. No final, a decisão foi de não receber ofertas. Mas, como se vê, a decisão que ilumina a constante atitude contemplativa de Sto. Inácio: “Isto era mais de acordo com o exemplo de Cristo”.

O nosso fundador é apresentado pelo seu primeiro biógrafo como exemplo da vida contemplativa e de oração em auxílio do apostolado dos outros e do seu próprio.

“E também nesse ponto nos deixou exemplos admiráveis: sempre que podia, permanecia na Igreja diante do seu Senhor Sacramentado, em doce colóquio. Passava as noites em oração diante do Santíssimo Sacramento, no convento de São José, e na capela do Seminário. Pe. Giacobbe afirmou no processo diocesano: “Eu o vi muitas vezes prostrado diante do Santíssimo Sacramento e celebrar a Santa Missa com tanta fé e piedade que parecia um Sto. Afonso de Ligório, ou um São Felipe Neri...”.

Faz parte do ideal Estigmatino ter uma vida de oração, aberta e interessada no apostolado dos outros. Ainda que dispersos e separados, por causa do apostolado, os Estigmatinos unem-se pela oração, e através dela cada um participa pessoalmente do trabalho pastoral dos outros.

2. ESTUDO. Como Congregação, como corpo social, o próprio Pe. Gaspar deixou um ideal bem claro para seguir: “Nesta congregação... é preciso uma ciência não ordinária... Ao mesmo tempo requer-se uma cultura científica não comum...” (CF 49, 159).

Talvez aqui, como em relação à vida interior, aplica-se o princípio Inaciano de “o mais”. Esse comparativo não tem nenhum sentido de competição, mas lembra-nos constantemente o “não ainda” da nossa vida espiritual e intelectual. Este princípio significa que toda a via é uma procura para uma compreensão maior da verdade e da bondade de Deus.

O ideal de Pe. Gaspar exige que todos aqueles que querem seguir este princípio dediquem-se a uma permanente formação, tanto espiritual como cultural. Pe. Fiório, a este propósito, diz: “Segundo o pensamento de Pe. Gaspar, a nossa Congregação tem por fim especial o de preparar-se para ajudar os Bispos “com os vários ministérios próprios da sua vocação”; fim árduo e difícil, observa ele, e por isso terá cuidado de preparar e dispor os indivíduos, fornecer-lhes os meios e os auxílios necessários, e fortificá-los contra os perigos e as dificuldades. E a primeira disposição deles será o desejo da perfeição, o zelo pela glória de Deus, depois, uma séria aplicação ao estudo” (7).

Sobre o mesmo assunto temos um testemunho precioso do Pe. Marcos Bassi, quando se refere ao tempo em que o Fundador estava ocupado em redigir as constituições “em pequenas gotas”.

“Igual cuidado usou (Pe. Gaspar) quando se tratou de escrever as Constituições para a nossa Congregação. A este respeito, prodigalizou totalmente sua solícitude amorosa, seus severos estudos, longas meditações e orações contínuas; e com a ajuda daquele Deus, em cuja presença ele as concebia e escrevia, burilou-as e as aperfeiçoou, até conseguir a aprovação de teólogos de renome e o decreto de sumo louvor do Papa reinante. E, depois de seus exemplos, estas são a mais preciosa herança que nos deixou seu coração paterno” (8).

O exemplo do Fundador é uma experiência para ser vivida e um modelo para ser imitado. As graças concedidas ao Fundador são “gratiae gratis datae” (graças concedidas gratuitamente), portanto graças que Deus concedeu não só ao Fundador, mas, em certa medida, a todos os que pretendem seguir o seu carisma.

3. RESPEITO PELO MAGISTÉRIO. Como foi muitas vezes salientado, o âmago do Carisma de Pe. Gaspar é “o abandono nas misericordiosas mãos de Deus”, uma oferta feita a Deus através das estruturas visíveis da Igreja e dos seus bispos. Esta idéia principal de Pe. Gaspar tem muitas retificações de caráter prático.

- a. Seguindo o pensamento de Sto. Inácio, Pe. Gaspar estava profundamente convencido de que, desde o momento da encarnação, tudo o que Deus é e faz chega ao homem através de um rigoroso processo de “encarnação”. O mistério e o paradoxo da Igreja, até sua

estrutura hierárquica estabelecida por Cristo, entra nesse grande projeto de encarnação querido por Deus.

- b. De certo modo o próprio Espírito Santo, a Pessoa Amor entre o Pai e o Filho, encontra-se presente na Igreja hierárquica. Através dos séculos esteve sempre presente a tendência de acentuar um ou outro aspecto do grande paradoxo que é a Igreja: a tensão entre estrutura e carisma, entre opção pessoal e comunidade, entre especialização e disponibilidade, entre letra e espírito, entre lei e discernimento, entre obediência e personalismo.
- c. Entre estas tensões sempre presentes na Igreja, a escolha de Pe. Gaspar é clara: missionários apostólicos “in obsequium” dos bispos. Na tradição estigmatina, “obsequium” é uma palavra chave, tirada do espírito Inaciano. O termo significa a singular relação de Jesus, sujeito ao Pai, e do Espírito Santo que procede do Pai e do Filho. São Paulo parece referir-se ao mesmo termo quando exorta os cristãos a “oferecer os próprios corpos como uma hóstia viva” (Rm 12,1), como uma espécie de ofertório eucarístico.

Sto. Inácio usa o termo “obsequium” para definir o relacionamento da Companhia com o Papa. Para o Estigmatino, o mesmo termo define o relacionamento do Missionário apostólico com a Igreja através dos Bispos.

Em última análise, “obsequium” exprime o relacionamento da Igreja-esposa com o Cristo. Nesse sentido, “obsequium” e Santo Abandono são termos que se integram; como a Igreja-esposa se abandona ao Esposo, assim a “squadra volante” com a multiplicidade da missão apostólica mantêm-se em estreito relacionamento de disponibilidade com os Bispos.

4. EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL. A experiência espiritual conduz o Fundador a uma sublime “experiência de Deus através de Jesus Cristo, no Espírito Santo”. Pe. Gaspar viveu profundamente a vocação cristã configurada ao Cristo sobre o fundamento do batismo (Rm 6,1ss).

Na perspectiva da vocação cristã, comum a todos, Pe. Gaspar viveu a sua configuração em Cristo de modo particular. Esta singular experiência de Cristo é um elemento qualificador do Carisma estigmatino.

“Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da presença de Deus, confiança, amor, desejo de me transformar nEle e que Jesus viva em mim, não mais eu” (9).

“Desejo de imitar Cristo na pobreza e nas aperturas da pobreza... (10)”.

A experiência de Cristo que o nosso Fundador viveu for marcada pelos sagrados estigmas, como fundamento de esperança e confiança. A cruz pessoal do estigmatino é continuação da cruz de Cristo; as feridas dolorosas do estigmatino estão intimamente ligadas aos sofrimentos de Cristo.

“O Senhor somente nos mostra a cruz para que tenhamos o merecimento da boa vontade em aceitá-las por seu amor, pois no fim é Ele mesmo quem a carrega por nosso amor” (11).

No decorrer dos anos o espírito de Pe. Gaspar radicou-se e se enriqueceu na família estigmatina; de modo particular a tradição estigmatina oferece uma grande riqueza de reflexões sobre a festa titular dos Sagrados Estigmas. Num certo sentido, podemos considerar os Sagrados Estigmas como a bandeira sob a qual lutamos, e aplicar a nós mesmos as palavras de Sto. Inácio:

“Quem em nossa Companhia, que desejamos distinguida com o nome de Jesus, queira trabalhar para Deus sob a bandeira da cruz e servir ao único Senhor e à Igreja, Sua Esposa, sob o comando do Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra, feito os votos solenes de perpétua pobreza, de castidade e de obediência, determine-se fazer parte de uma Companhia, instituída principalmente:

- a. Para a defesa e propagação da fé; e
- b. para benefício das pessoas e da doutrina cristã, mediante: pregações públicas, aulas; e qualquer outro ministério da palavra de Deus; exercícios espirituais; ensinamento das verdades cristãs às crianças e aos rudes; atendimento de confissões; e administração dos outros sacramentos para conforto espiritual dos fiéis cristãos.

Mais ainda:

- 1 - reconciliar os dissidentes;
- 2 - auxiliar e servir plenamente os encarcerados e hospitalizados;
- 3 - exercer as demais obras de caridade,

tudo gratuitamente e em receber nenhum pagamento pelo próprio trabalho em todas as atividades enumeradas (12).

É através do estudo da experiência de Cristo vivida por Pe. Gaspar que podemos chegar a fazer uma idéia mais precisa de sua Cristologia.

De fato, como fundamento de toda espiritualidade, há uma experiência que constitui o ponto vital de tudo. Esta experiência básica não fica restrita à vida pessoal do Fundador, mas é destinada a “ser transmitida aos discípulos para ser por eles vivida, conservada, aprofundada e constantemente desenvolvida, em sintonia com o Corpo de Cristo, em perene crescimento” (13).

B) CRISTO NA VIDA DE PE. GASPAR

O carisma de um fundador é uma unidade composta de vários elementos, inspirados pelo Espírito Santo, segundo a índole do indivíduo.

Entre os fundadores existem muitos elementos comuns: grande fé, esperança e caridade em Deus e pela humildade; devoção eucarística, a Nossa Senhora, aos santos. Alguns desses elementos são predominantes, conforme cada um dos fundadores, como por exemplo: o elemento trinitário, cristológico, pneumatológico, eucarístico ou mariológico. Assim, podemos notar que os fundadores trinitários ou Missionários do Espírito Santo, ou dos Servos do Paráclito, salientam o elemento pneumatológico, enquanto os fundadores da Companhia de Jesus, dos Redentoristas salientam o elemento cristológico. Muitas congregações ou ordens têm um carisma claramente mariano.

1. O CARISMA. O carisma é uma realidade extremamente complexa. Alguns fatores são determinantes no processo de formação do carisma:

- O fator-pessoa do fundador com todas suas qualidades naturais.
- O fator-história. Trata-se do particular período sócio-cultural em que uma certa espiritualidade aparece e se desenvolve.
- O fator-graça, como elemento que inspira, move e amadurece o trabalho da fundação da família religiosa.
- O fator-seguimento. Trata-se de uma virtude particular ou aspecto da vida de Cristo que se torna inspiração e motivo determinante do seu seguimento.
- O fator-apostolado. Trata-se da atividade particular que o fundador se propõe na missão geral da Igreja. Este elemento influencia muitos dos elementos precedentes.

2. DESENVOLVIMENTO GRADUAL

Existem na vida de Pe. Gaspar algumas atitudes espirituais que servem de perspectiva e motivo inspirador de toda sua experiência de Cristo.

É um dado certo na tradição estigmatina que o fundador viveu em uma atmosfera de perfeito abandono nas mãos de Deus. Em Pe. Gaspar havia verdadeiramente uma consciência profunda do próprio nada. Uma atitude derivada de diversos fatores, entre eles o de um sentido muito vivo da própria condição de criatura, dentro do mais vasto mistério da criação.

Daqui se desenvolvem alguns aspectos freqüentes na vida espiritual de Pe. Gaspar: temor reverencial, terno amor, firme confiança. Neste grande tema do Santo Abandono entra um outro aspecto da vida de Pe. Gaspar. Na ascese Bertoniana há uma vigorosa atitude de desapego das coisas terrenas, até a renúncia do próprio pensamento e da própria vontade.

Nos seus escritos Pe. Gaspar exprime com clareza a substância do Santo Abandono.

“Deixemos Deus agir – Ele sabe agir e fará a sua parte. Deixemos agir Deus que sempre dispõe tudo muito bem”.

Também o Pe. Marani nos dá um testemunho sobre o princípio bertoniano do Santo Abandono:

“Devemos seguir Deus e jamais precedê-Lo, dizia freqüentemente, e constantemente praticava, o meu muito amado Pai e Fundador” (14).

Foi próprio dele um santo abandono praticado através dos freqüentes e dolorosos acontecimentos de sua vida. Pe. Gaspar não foi um “estigmatizado” no sentido técnico como São Francisco de Assis ou Santa Catarina de Sena, mas talvez podemos considerar alguns sofrimentos da sua vida como fatos de “estigmas” vividos.

a - A morte que visitou a família Bertoni durante os primeiros anos da vida do Fundador.

- A separação dos Pais.
- A dificuldade para estabelecer a Congregação.
- Uma longa experiência de sofrimentos físicos.
- As graves limitações à sua atividade apostólica.

b - Na formação do carisma bertoniano pode-se facilmente notar uma constante acentuação trinitária. Para confirmar bastam alguns pensamentos tirados do seu diário.

“Sentimentos de gratidão à Santíssima Trindade e de correspondência ao amor de Cristo” (15).

“À tarde, contemplando diante de uma imagem da SS. Trindade, fiquei possuído de um grande respeito e amor para com as três Pessoas Divinas. O eterno Pai, que estava com os braços abertos, explicava-me a sua misericórdia e a fácil comunicação de suas luzes...” (16).

“Sentimento de grande amor da Santíssima Trindade em nos dar o Filho...” (17).

O aspecto da autodoação da SS. Trindade, tão fortemente sentida pelo Pe. Gaspar, coloca-se perfeitamente dentro da mensagem bíblica (cf. Jo 3,16; Rm 8,32; Gl 4,4ss; 1Jo 4,9).

Em particular o nosso fundador vê esse aspecto de autodoação de Deus em Cristo.

“Meditação: Reino de Cristo. Acentuado movimento de seguir a Nosso Senhor de perto, a custo da vida, na pobreza e na ignomínia...” (18).

“Desejo de imitar Cristo na pobreza e nas aperturas da pobreza...” (19).

Pe. Gaspar vê sempre em Cristo o caminho de acesso ao Pai no Espírito Santo.

“E este Espírito “ajudará a nossa fraqueza” (Rm 8,26): de tal modo que possamos ainda aqui na terra oferecer o sacrifício perene e perpétuo, e o holocausto que de si mesmo oferecem os Bem-aventurados no céu, diante de Deus; “o fogo arderá sempre sobre o seu altar” (cf. Lv 6,12). Todos os servos de Deus, exilados e peregrinos aqui na terra, fizeram isso. Com a mesma força com que eles conseguiram, também nós conseguiremos” (20).

c - Mas o ponto principal no gradual crescimento de Pe. Gaspar é a Pessoa de Cristo. Em Cristo todos os elementos da sua espiritualidade fundem-se numa só unidade, encontram profunda inspiração, a própria razão de ser. Um trecho tirado de um sermão sobre a Epifania é de grande interesse a esse respeito.

“Os Magos tendem a Cristo: procuram Cristo em Jerusalém... Que quer dizer isto? Se não que também nós tendemos a Cristo, isto é, à verdade, à vida? “Eu sou a verdade e a vida”. Mas essa verdade, essa vida, fim último dos nossos anseios, está fora, isto é, acima de todo intelecto humano. “O olho não viu, ó Deus, o que preparaste para os que em ti esperam” (Is 54,4). ... Essa estrela é o próprio Cristo, o qual, como é verdade e vida, também é o caminho para chegar à verdade eterna e à vida que esperamos... Mas esta palavra do Verbo é dura para a razão humana: “dura é a palavra”. A Palavra de Deus é a regra única e infalível para o nosso pensar, para o nosso agir, para atingir o fim sobrenatural e divino ao qual somos chamados” (21).

“Mas vendo Jesus, não vejo o meu Deus? Amando Jesus, não amo o meu Deus? Aquele tão perfeito em toda espécie de perfeição?” (MS 413).

“E o que quer dizer Jesus senão Salvador, isto é, um Deus que para manifestar ao homem o excessivo amor com que o ama “ab aeterno”, desceu do céu para que o homem lá pudesse subir, vestiu a nossa carne para fazer-nos consortes da sua própria natureza, morreu, finalmente, para nos dar a vida, e a vida eterna?” (MS 598).

Mas duas conotações particulares caracterizam a presença de Cristo na espiritualidade de Pe. Gaspar. Antes de tudo uma conotação Eucarística:

“Durante a Missa recebi do Senhor, de presente e com muita suavidade, um atual e contínuo desejo de oferecer seu trabalho unido ao sacrifício de Jesus Cristo” (22).

Em segundo lugar uma conotação eclesial; Ele sente a realidade da Igreja como comunhão de amor em Cristo:

“Tenham todos como escopo e sinal da sua vocação aquela palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (CF 187).

“Isto depende sobretudo do aproveitamento espiritual interior, pelo qual, enquanto a verdadeira caridade, isto é, o amor para com Deus e para com Cristo Senhor, aumenta também a união fraterna, enquanto cada um se une a Deus e a nosso Senhor, cresce e se aperfeiçoa” (CF 221).

C) CRISTO NA ORAÇÃO DE PE. GASPAR

1. DISPONIBILIDADE AO PAI TRADUZIDA NA ORAÇÃO.

Pe. Gaspar procurou realizar na sua vida a imagem de Cristo na sua disponibilidade ao Pai e na sua condição de esposo da Igreja. Esta disponibilidade a Deus, a Jesus, à Igreja e aos acontecimentos do seu tempo e da sua vida encontrou em Pe. Gaspar a forma sublime do Santo Abandono.

O clima natural para o desenvolvimento e a maturação desta disponibilidade é a oração e a contemplação. É neste clima que a disponibilidade de Pe. Gaspar atinge sua mais alta expressão.

Se queremos traçar as características de disponibilidade de Pe. Gaspar devemos voltar nossa atenção para sua intensa vida de oração.

A disponibilidade, enquanto comunica ao ideal apostólico o caráter da mobilidade, imprime na oração a forma de uma busca da vontade de Deus no plano da salvação. Por sua vez a oração, como busca em perfeita disponibilidade, sugere a idéia de desenvolvimento com vários estágios.

a - PRIMEIRO ESTÁGIO. Neste primeiro estágio a disponibilidade exprime-se essencialmente em uma assimilação profunda em Cristo.

Para cada Estigmatino a disponibilidade começa com o desenvolvimento de um relacionamento das pessoas com Cristo através do Espírito Santo. Neste estágio a oração pessoal, em todas as suas formas, é um meio essencial para tornar-se instrumento dócil nas mãos de Deus. A oração pessoal dispõe cada um para ser guiado pela vontade de Deus. A oração permite a cada um transformar-se, configurar-se mais a Cristo, de tal modo que o Senhor possa dispor livremente da pessoa que vai procurando a sua face na oração.

b - SEGUNDO ESTÁGIO. A disponibilidade realiza-se em situações concretas, insere-se nos momentos históricos precisos, toma corpo.

Neste estágio requer-se um esforço contemplativo constante e concreto para que a disponibilidade seja um autêntico abandono em Deus. A vocação é um convite urgente para fazer experiência de Cristo através de uma crescente familiaridade com a sua pessoa, dentro das legítimas estruturas da Congregação e da comunidade. Além disso nos é pedido um esforço contínuo para “procurar Deus em todas as coisas”, para ver Cristo, o nosso Senhor, nas

peessoas a quem obedecemos. Tudo isto faz parte do ideal estigmatino, como vem delineado nas Constituições do Fundador (CF n^{os}. 139, 143, 196).

Parece que o Fundador pensava numa disponibilidade mais radical, em um crescente abandono a Deus através dos Bispos da Igreja, em tudo o que se refere à missão apostólica.

Mas a obediência, como requisito essencial da missão apostólica, insere-se e se desenvolve dentro de uma constante atitude de contemplação da Pessoa de Cristo.

“Todos obedecerão como se obedecessem a Cristo” (CF 139).

“Todos se apressem e voem para fazer a vontade do seu Senhor” (CF 143).

As Constituições que citamos vêm a obediência como algo que brota da contemplação de Cristo.

A missão apostólica exigirá sempre a aceitação da autoridade do próprio Cristo, ainda que só seja visível através da pobreza da autoridade humana. O ideal estigmatino exige, para a legítima autoridade, um respeito que se exprime como adesão responsável aos Bispos da Igreja no que se refere à missão apostólica (cf. CF 2, 185). Todavia a disponibilidade do estigmatino, segundo o ideal do Fundador, manifesta-se não só, e menos principalmente, na obediência às ordens da autoridade, mas ainda mais e muito antes pelo ato de obediência concreto, como atitude contemplativa de fundo. É a atitude contemplativa que nos permite transmitir o conhecimento profundo de Cristo em nossa missão apostólica. Deste modo, o Pai ainda hoje manda seu Filho Jesus Cristo, através da nossa atividade apostólica.

c - TERCEIRO ESTÁGIO. Neste ponto a disponibilidade transforma-se inteiramente em contemplação. É próprio da essência da contemplação alcançar uma tal intimidade com Deus que leva os crentes a entregarem-se inteiramente a Ele. Isto requer uma atenção da pessoa toda e leva, gradualmente, para um nível de vida mais profundo. Um relacionamento deste tipo, ao mesmo tempo contemplativo e ativo, desenvolve uma qualidade de vida que se exprime (é expressa) em uma profunda dependência de Deus, e tende a orientar tudo para Ele.

Através dessa disponibilidade o estigmatino é levado a considerar uma existência pessoal, por mais fugaz que seja, sobretudo como escuta e resposta.

A realização dessa disponibilidade compromete toda a pessoa e, conseqüentemente, qualifica a nossa ação como a de Cristo. Deste modo a missão apostólica torna-se participação da vida de Cristo, aceita como graça e vivida como resposta.

Quando a disponibilidade é vivida em tal profundidade, podemos dizer que o estigmatino realiza, como uma única realidade, as duas características de “contemplativos em casa” e de “missionários fora” (contemplativo em ação), proposta pelo Pe. Lenotti (cf. “amore della cella”), (23), e põe em prática a “contemplação no Amor” proposta por Pe. Gaspar (24).

É difícil colocar este ou aquele trecho dos escritos de Pe. Gaspar em cada um dos estágios da disponibilidade como os expusemos. Por isso apresentamos aqui alguns textos que salientam os aspectos de absoluta disponibilidade na oração de Pe. Gaspar.

Em primeiro lugar apresentamos uma oração muito querida por Pe. Gaspar e que é atribuída a Sto. Inácio.

“Recebe, ó Senhor, toda a minha liberdade.
Recebe a minha memória,
a minha inteligência,
toda a minha vontade.
Tudo o que tenho me foi dado;
restituo tudo a Ti
e o coloco à disposição da Tua vontade.
Dá-me somente o teu amor e tua graça,
e serei muito rico,
e não precisarei de mais nada”.

Há também a oração à Virgem, muito conhecida na tradição estigmatina e que encontramos transcrita no Memorial Privado no dia 24 de maio de 1808:

“Bom dia, minha Mãe,
dai-me a vossa bênção.
Abençoai a mim e a esta minha casa.
Dignai-vos entregar a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer,
em união aos vossos méritos e aos de vosso Santíssimo Filho.
Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser,
e tudo o que me pertence entrego à vossa disposição para servir-vos,
pondo-me inteiramente debaixo do vosso manto.
Impetrai-me, Senhora minha, pureza de mente e de corpo,
a fim de que não faça, neste dia, coisa alguma que possa desagradar a Deus.
Suplico tudo isto pela vossa imaculada conceição e pela vossa intacta
virgindade,
real antes, durante e depois do parto”.

Uma carta se refere nestes termos em relação à oração:

“Quanto à oração, e ao “abri a minha boca e respirei” (Sl 118,131), o próprio Espírito Santo responde como se pode fazer: “Não deixeis de rezar sempre” (Sl 18,22). “Importa rezar sempre e não cessar” (Lc 18,1). “Orai sem cessar” (1Ts 5, 17). Parece-me que a oração ajudará a oração: a diligência em fazê-lo atrairá maior abundância do Espírito. E este Espírito “ajuda a nossa fraqueza” (Rm 8,26): de tal modo que possamos, ainda aqui na terra, oferecer o sacrifício perene e perpétuo, e o holocausto que de si mesmos oferecem os Bem-aventurados no Céu, diante de Deus: “o fogo arderá sempre sobre o seu altar” (Lv 6,12)” (25).

2. A ORAÇÃO REVELA E ALIMENTA O PROGRESSO ESPIRITUAL

Toda a vida de Pe. Gaspar e a sua espiritualidade movem-se ao redor da idéia do “progresso”. A sua oração é uma prova. Pela análise dos escritos bertonianos pode-se notar como o progresso espiritual na oração substancia-se em alguns elementos dominantes, que também encontramos na vida e na espiritualidade de Sto. Inácio (26):

- a - A ORAÇÃO COMO PURIFICAÇÃO. A oração foi para Pe. Gaspar uma contínua purificação que o levou a respeitar a iniciativa de Deus na sua vida e no seu período histórico, mesmo quando tal iniciativa não lhe era muito clara.

Pe. Gaspar passou sua vida toda “aos pés do Mestre”, sempre atento à procura da Sua vontade para melhor servir à Igreja. Parece-me que “ao tomar decisões”, ao “escolher”, Pe. Gaspar tenha tido mais uma atitude passiva que ativa. Mais precisamente a ação divina teve um peso preponderante nas decisões do Fundador. Pe. Gaspar em relação a Cristo sente-se como um discípulo diante do Mestre. Este divino Mestre ditava suas lições não somente através da Sua Palavra, mas muitas vezes através dos acontecimentos da vida. Por isso o Fundador fala do seu sofrimento como de escola (27), assim como o era a Palavra de Deus e a Eucaristia (28).

Ele dedica um de seus sermões a Jesus Mestre (MS 1781). É na escola de Jesus que Pe. Gaspar aprende a renunciar às próprias idéias. Esta renúncia de si mesmo, vivida através de anos de “atrozes sofrimentos”, levou Pe. Gaspar a adquirir habilidade na escolha e seleção dos meios necessários para o fim, em uma crescente conformidade com a vontade de Deus.

- b - A ORAÇÃO COMO ABERTURA PARA O TRANSCENDENTE E PROCURA DA VONTADE ENCARNADA DE DEUS.

Desde o início Pe. Gaspar chegou a ver que o que importa, o transcendente, é servir a Deus. A oração serviu-lhe como caminho para ver Deus presente na experiência cotidiana. De um modo mais amplo, Pe. Gaspar procurou considerar a história como uma encarnação da vontade de Deus, que se faz sempre mais evidente. Assim, através da sua oração, Pe. Gaspar chegou a respeitar a vontade de Deus, com docilidade e crescente disponibilidade.

É típico da espiritualidade bertoniana o pensamento de que Deus intervém por meio do que é tangível e visível. Para Pe. Gaspar, a vontade de Deus torna-se manifesta na Igreja encarnada, concreta através dos Bispos. Na sua longa existência sob o signo da obediência e do serviço (obsequium) aos Bispos, Pe. Gaspar viveu em atitude constante de busca do maior serviço de Deus, expresso por um constante esforço de discernimento e oração sobre os modos e os meios da missão apostólica.

Deste modo podemos notar uma progressiva encarnação do carisma bertoniano. A sua opção por Cristo substancia-se numa atitude fundamental de abertura e docilidade, própria de quem chegou a entender que o problema da eleição, da escolha, implica em deixar-se guiar pelo Espírito Santo presente na Igreja e representado, segundo Pe. Gaspar, pelos Bispos escolhidos pelo próprio Espírito que inspirou as Escrituras.

Fundamentalmente, o “obsequium” estigmatino, seja em relação a Deus e ao Cristo, seja em relação à Igreja, tende a tornar-se encarnado no sentido que, segundo Pe. Gaspar, a vontade de Deus tende a manifestar-se através de sinais visíveis. Na vida de Pe. Gaspar alguns desses sinais tornam-se particularmente evidentes: o santo escolhido como modelo, a legítima autoridade, seus diretores espirituais.

Estes são ainda, para Pe. Gaspar, sinais de salvação, e caminho para um esclarecimento da vontade concreta de Deus.

c - ALGUNS TEXTOS COMO COMENTÁRIO. A procura de Deus, através de um contínuo progresso, implica para Pe. Gaspar um esforço constante para descobrir e entender profundamente o que Deus quer dele. E ele realiza isso com uma íntima união com Cristo, sobretudo no seu abandono e na sua disponibilidade ao Pai. Essa procura atinge seu momento culminante na decisão de Pe. Gaspar de confiar a sua missão apostólica em auxílio aos Bispos. O primado absoluto de Cristo na vida de Pe. Gaspar o levou a uma profunda esperança e confiança. Eis alguns textos que esclarecem os elementos que analisamos acima.

- Do seu Memorial Privado.

“Os que são muito inclinados à ação devem ser alertados para a oração; os que se apegam demais à oração convém impeli-los à ação (29).

“Procurar somente a Deus, ver Deus em todas as coisas, isto é tornar-se superior a todas as coisas humanas”. “Tudo se resume em servir a Deus, custe o que custar. É necessário, pois, precaver-se das veleidades. A veleidade diferencia-se da vontade no seu efeito: a primeira começa a ceder diante das dificuldades e faz a gente se desencorajar; a Segunda insiste, firma-se e se fortalece” (30).

“Procurar somente a Deus e nada mais, nem consolações, nem condescendência” (31).

“Pedir a graça de segui-Lo, de ser zeloso pela sua glória e pela salvação de nossa alma” (32).

“O nosso mundo é um grande hospital de doentes: todos se queixam, mas ninguém acaba sarando, mesmo quando há um remédio adequado. E este é a oração. A qual ou não se faz ou se faz normalmente mal: isto porque ou quem pede é mau e pede coisas más, ou não sabe pedir direito; ou então não pede para si, não pede o Reino de Deus, ou, ainda, sua oração não é piedosa e perseverante” (33).

- Do Epistolário.

“Digamos ao Senhor com grande confiança amorosa: ‘Dá o que mandas e manda o que quiseres’” (Sto. Agostinho, Confissões, X, 29). Essas são todo o espírito. Que faremos nós? “Abri a minha boca e respirei” (Sl 118, 131). Abrir a boca pela oração e atrair a abundância do Espírito. De fato vemos que “batizado Jesus, e estando em oração, abriu-se o céu e desceu sobre Ele o Espírito Santo” (Lc 3,21). “É ao homem que pertence preparar a sua alma” (Pr 16,1), diz a Escritura, e Nosso Senhor fez Vossa Senhoria ficar sabendo. Portanto, com o auxílio de Deus, não direi que use diligência para preparar, mas que use grande e especial e finíssima diligência, para ter sempre sua alma preparada para a visita de Sua Majestade. “Não cessai de rezar sempre” (Sl 18,22), continua a dizer o Espírito Santo. O cuidado com o silêncio, apressar as conversas, evitar as futilidades; é estar preparado para ouvir a voz suavíssima de Nosso Criador” (34). “Amadureça a coisa com Deus, rezando e fazendo rezar, para não atrasar nem prevenir a Providência” (35). “Com a oração, porém, se consegue tudo que não seja contra a vontade de Deus, nem ao nosso bem, porque o Senhor nos ama, e nos ama de verdade...”. Eis o meu pequeno projeto. A oração, a diligência, a fé poderão executá-lo se ele é de fato razoável e condizente com o serviço de Deus” (36).

2ª. PARTE: A SERVIÇO (OBSÉQUIO) DE CRISTO

Pe. Gaspar, seja por disposição natural ou por uma especial graça de Deus, viu no mistério de Cristo principalmente a sua disponibilidade e abandono ao Pai. E é este aspecto de Cristo que ele procurou traduzir na sua vida. O Cristo que vai se delineando na alma de Pe. Gaspar é o Servo do Pai, humilhado e glorificado (cf. Is 53; Fl 2,5-11).

A) CRISTO, O SERVO DO PAI

A figura de Cristo foi se delineando na mente e no coração do Fundador gradualmente. Nesse processo espiritual a imagem que se foi formando é a de Jesus, servo do Pai, humilhado e em seguida glorificado na ressurreição. Tudo isso levou Pe. Gaspar a refletir de modo particular sobre a paixão e morte de Jesus e sobre seus estigmas... Todavia Pe. Gaspar não pára na contemplação da paixão e morte de Cristo, mas, guiado pelo Espírito Santo, passa a contemplar a ressurreição e os estigmas, mostrados aos Apóstolos no momento da Missão Apostólica (Jo 20,9ss.) Esta espiritualidade dos Estigmas foi se formando durante a longa vida de Pe. Gaspar.

1. OS ANOS DA JUVENTUDE

a - Um elemento de grande importância na formação da espiritualidade de Pe. Gaspar parece ter sido a série de mortes de pessoas queridas durante uma juventude.

“Da sua adolescência, há sinal de um fator que julgamos tenha tido uma acentuada influência na sua vida espiritual. No breve espaço de 7 anos (1783 – 1791), a morte bateu sete vezes na porta da casa Bertoni. Esses lutos certamente produziram um eco profundo na natureza reflexiva de Gaspar, deixando impressa uma sombra em sua alma, já por si mesma impressionável em aceitar e manter a influência de outras pessoas.

Não há dúvida de que, nessa escola de tão dolorosas separações, o jovem Gaspar compreendeu a fugacidade do tempo, tema que surgirá freqüentemente nas suas pregações” (37).

É difícil imaginar o que deve ter provocado nela a morte da irmãzinha. É esquisito que seu primeiro biógrafo não soubesse da existência de uma irmã, pois se refere a Pe. Gaspar como “o único fruto do matrimônio de Francisco Bertoni e Brunora Ravelli” (38).

Certamente esses lutos devem ter produzido uma grande repercussão se, como parece, ele mudou notavelmente em seguida.

“... Como jovem era muito vivaz, mas tornou-se mais sério e refletido nos anos seguintes, quando o Senhor o quis “ferido” mas não morto” (39).

b - Indicações mais claras para o desenvolvimento da espiritualidade bertoniana, como espiritualidade centralizada em Cristo e no seu serviço ao Pai, já encontramos na juventude de Pe. Gaspar. Na época de sua primeira Comunhão ele compôs um soneto que preludia de modo impressionante o tema do sponsalício e das feridas, tema que será desenvolvido durante sua maturidade. Também para quem não tem familiaridade com as formas literárias italianas e o sistema escolástico do tempo de Pe. Gaspar, torna-se difícil acreditar que uma poesia desse gênero tenha sido escrita pelo jovem Bertoni.

“Dal di' che Amor in valle erma romita
sul margine de una fonte a specchio assiso
a contemplar mi diedi il suo bem viso
languo d'indimenticabile ferita
Poichè già nol vidi: e sol l'ignita
freccia rimase ond'è il mio cuore inciso
ahi lasso cor! da l'alma tua diviso
qual mai sperar potevi tu, qual vita!
Gemea coprendo a tutti il mio dolore
che niun potea salvar, salvo qual solo

che mi ferì; ma pur chi'l crederia?
Veder ch'oggi al triunfo dell'amore
segue di cuor trafitti un lungo stuolo
a medicar basta la piaga mia”.

É fácil encontrar nessas expressões de Pe. Gaspar alguns traços do cântico espiritual de São João da Cruz cf. St. 2, 1.5; St. 1. n. 20). Em um outro soneto, provavelmente posterior, Pe. Gaspar traduz, da sua maneira, os lamentos da esposa contidos no mesmo Cântico espiritual de São João. Ele desfalece por “inesquecíveis ferimentos”, desde que não pôde contemplar no espelho de uma fonte “a sua bela imagem”, o rosto do Amado. Com o coração separado da alma por aquela “flecha ardente”, não pode revelar sua dor a ninguém, porque ninguém pode curá-lo, exceto Aquele que o feriu. Há em tudo isso uma forte reminiscência bíblica:

“Cura os corações despedaçados, e enfaixa suas feridas” (cf. Sl 147,3).

“Piedade de mim, Senhor... cura-se...” (Sl 6,2).

“Ele nos feriu, e ele nos curará...” (Os 6,2)

2. O ABANDONO COMO IMITAÇÃO CONCRETA DE CRISTO, SERVO DO PAI

O abandono total nas mãos de Deus é fruto de uma longa caminhada de crescimento da Esperança cristã e é sua mais alta expressão... Assim também é para Pe. Gaspar. Através de reverente temor diante da majestade do Criador e Redentor, ele chega gradualmente a um nível sublime de disponibilidade ao plano de Deus, debaixo da ação do Espírito Santo. Numa de suas meditações sobre o primeiro livro de Samuel, Pe. Gaspar assim se exprime:

“Um homem de oração não faz mais que ir ao encontro das coisas conforme o Senhor as dispôs com sua Providência. Não previne, não se antepõe; tudo é ordem, tudo é tranqüilidade. Aguarda o tempo, as circunstâncias, tudo seguindo Deus”.

Nestas poucas linhas temos, pode-se dizer, todo o pensamento de Pe. Gaspar sobre o Santo Abandono. O princípio aqui expresso mostra a atitude de quem vai experimentando a vida como algo que se manifesta e atinge a pessoa pela Providência. Um dos maiores obstáculos na tentativa de harmonizar a própria mentalidade com a divina Providência é o de não saber esperar quando o plano de Deus não é totalmente claro. No pensamento de Pe. Gaspar, muitas vezes o concluir a vontade de Deus é comprometido pela pressa de agir. Pe. Gaspar, ao invés, pelo Santo Abandono chegou a uma posição em sua vida que o levou a saber esperar. Um saber esperar que se alicerça numa esperança altamente desenvolvida, capaz de garantir a maior segurança em relação ao futuro. A esperança, de fato, dá força a uma certeza inabalável de que a

onipotência de Deus foi colocada à nossa disposição depois de uma Sua maravilhosa condescendência (39 bis).

Sabemos que os autores espirituais têm pareceres diversos sobre o fundamento teológico do Santo Abandono. Há quem, como São Francisco de Sales, veja no Santo Abandono uma forma superior de Caridade; De Caussade concebe o Santo Abandono como o estado de fé pura, de pura esperança e de pura caridade (40).

A nós, parece que Pe. Gaspar motiva e plasma o Santo Abandono partindo da virtude teologal da Esperança (41).

3. CRISTO NA SUA OBEDIÊNCIA AO PAI, ATÉ A MORTE, MODELO DE SANTO ABANDONO

Um exegeta moderno, A. Feuillet, mostra que há só dois textos em São João em que Cristo fala expressamente do seu amor pelo Pai, e ambos se encontram no discurso da última ceia, exatamente antes da paixão.

“... Mas é preciso que o mundo conheça que amo o Pai e que faço como Ele me ordenou...” (Jo 14,31).

“Se observardes os meus preceitos, permanecerai no seu amor, como eu observei os preceitos de meu Pai e permaneço no seu Amor” (Jo 15,10).

Nestes textos (como em tantos outros (Jo 4,34; 5,30-43; 6, 38; 10,18; 12, 49ss), o amor de Cristo pelo Pai coincide com seu incondicionado acatamento à vontade do Pai. E é justamente a aceitação dessa vontade que traz a redenção ao mundo (42).

O estado de abandono não é senão a madura imitação da disposição espiritual de Cristo na Cruz. São Francisco de Sales apresenta Cristo como modelo de Santo Abandono, em todos os estágios da sua vida, mas principalmente nos sofrimentos (43).

Quando a vontade de Deus é tomada em si mesmo, não ligada a um mandamento particular, a conformação com ele torna-se uma obrigação que compromete toda a vida, de tal modo que cada pecado assume a conotação de uma recusa à vontade de Deus. Esta rendição total à vontade de Deus, como se pode notar na vida de Pe. Gaspar, fundamenta-se na persuasão de que Deus, nas suas promessas, é poderoso e misericordioso acima de qualquer medida.

De tal persuasão nasce a segurança para o presente e para o futuro imprevisível; e esta segurança é algo que supera qualquer resultado na própria vida pessoal.

“Que Pe. Gaspar tenha visto em Cristo Crucificado o insuperável modelo de Santo Abandono, pode derivar-se da espiritualidade de seus diretores espirituais. Certamente o Pe. Fortis, primeiro Geral da reconstituída Companhia de Jesus, deve ter exercido uma grande influência sobre Pe. Gaspar, especialmente por dois aspectos da Cristologia Inaciana, que propõe Cristo como Servo do Pai e Esposo da Igreja.

E ainda podemos deduzir que Pe. Gaspar foi certamente atingido por um manuscrito de Pe. Galvani. O manuscrito se intitula: “Recordações de uma santa alma para as pessoas que querem viver como verdadeiros seguidores do Cristo Crucificado”.

O caminho no qual Pe. Galvani orienta Pe. Gaspar seminarista e jovem padre vem delineado nos seguintes pensamentos:

1. “Lembra-te, cristão, que fora da Cruz todo esforço é inútil. Carrega a tua cruz que ela te fará chegar ao monte santo com muita rapidez. A Cruz que é levada com alegria faz provar as maiores satisfações do Paraíso.

2. Não procurar descanso neste mundo, mas sim trabalho... olhar a Cruz com o espírito... porque é um grande dom da misericórdia de Deus.

8. ... O sofrimento nos torna de certo modo semelhantes ao divino Filho feito homem...

67. Quem quer seguir o Crucificado deve procurar que lhe falte alguma coisa, mesmo do que é necessário...

84. Portanto, com todo o esforço procure sempre este amor forte... “Senhor, dai-me um forte amor sofredor... Senhor, fazei-me viver na Cruz e pela morrer, como o vosso amado Filho feito homem” (44)

a - A PAIXÃO DE CRISTO, EM GERAL, NA VIDA DE PE. GASPAR

“Eu estou crucificado, eu estou morto; mas nem com tudo isto é válido o seu amor, se não pregado na Cruz com Cristo, na mesma cruz de Cristo”.

“É uma resoluta decisão minha seguir-te de perto, quanto mais me for possível, e de imitar-te em suportar toda injúria, todo vitupério e toda pobreza, tanto real como espiritual” (45).

Como se percebe, Pe. Gaspar não considera a perfeição cristã em abstrato, mas procura imitar Cristo através de experiências concretas, encarnadas na história, em uma época, em um país, em uma determinada estrutura psicológica.

O nosso fundador vê os diversos estágios da perfeição cristã juntamente nessa semelhança com Cristo, na sua filial relação com o Pai e na sua missão, totalmente expressa na paixão e na morte.

“Mostra, pois, a essas almas que devotamente contemplam aquelas cruéis chagas que te fizeram os mesmos cravos que antes dilaceraram as mãos e os pés de Jesus. Mostra o lugar onde em ti reclinou expirando... amigo fiel, irmão muito terno, esposo amabilíssimo, gentilíssimo. Mostra, finalmente, o sangue espalhado por seu amor...” (MS 430).

“... Ele não tem somente as mãos e os pés dilacerados pelos cravos que o magoam, mas todas as outras partes do corpo, todas feridas, sofrem dores acerbíssimas...” (1.c. n. 460).

O Crucifixo é apresentado na primitiva regra como valor fundamental.

“Assim como o Apóstolo diz: “Não creiais em saber outra coisa entre vós senão Jesus Cristo e este crucificado” e assim como Cristo disse de si mesmo: “Eu sou o Alfa e o Ômega, princípio e fim”; por isso todos os irmãos comecem absolutamente daqui” (cf. CF 51).

A paixão de Cristo é, na verdade, uma constante que invade toda a vida de Pe. Gaspar.

“E todavia sabemos – diz Pe. Giacobbe – quando ele era apaixonado pela literatura e belas artes, quanto gostasse da harmonia, e nascido para exprimir o belo e o agradável. Em tudo isto conservou sempre aquela sobriedade de não “saber mais do que é necessário saber”; e jamais permitiu que a sua sabedoria se desviasse daquela ciência sublime de saber unicamente o seu Senhor Crucificado...” (46).

Desde os primeiros anos de sacerdócio sabemos como Pe. Gaspar era embebido no “seu Senhor Crucificado”, e quanta devoção tinha pela Paixão de Cristo. O seu primeiro biógrafo deixa indiretamente transparecer como o Crucifixo entrou desde esse tempo na vida de Pe. Gaspar como uma espécie de santa invasão, quando fala da “Via Sacra” que todos os domingos, juntamente com alguns jovens, fazia antes da aula de catecismo (47).

Parece que justamente por causa dessa sua “identificação” com a Paixão de Cristo, Pe. Gaspar foi escolhido, entre cerca de cinquenta padres que viviam na paróquia, para fazer o sermão da sexta-feira santa de 1801 (48).

Chegou até nós a descrição de como se desenvolvia o domingo do jovem Pe. Gaspar em Campo Marzio. Ao primeiro toque do sino que chamava para o catecismo, Pe. Gaspar entrava na igreja de S. Paulo e, com alguns dos seus fíéis e escolhidos do oratório, fazia a Via Sacra “com tal piedade e devoção, mostrando com sinais evidentes, como estava profundamente compenetrado de compaixão pelos sofrimentos de Cristo”. Depois saía da igreja uma pequena procissão precedida por um crucifixo. A procissão ia se engrossando de jovens enquanto passava pelas ruas da paróquia e encaminhava todos para o catecismo. Os catequistas eram os mesmos jovens que faziam a Via Sacra com Pe. Gaspar. O seu fervor tinha sido renovado pela meditação dos sofrimentos da Paixão de Cristo.

b - A PAIXÃO DE CRISTO NO APOSTOLADO DE PE. GASPAR

Nos momentos mais difíceis da sua missão apostólica, particularmente quando encarregado pelo Bispo, devia orientar sacerdotes em condições

diffíceis, recolhidos no seminário de Verona. Pe. Gaspar sentiu nervosismo e dificuldades, mas dizia-se que ele considerava os sofrimentos físicos e as dificuldades no apostolado como um estar na “escola de Deus”.

“Terminada a missão de São Firmo, continuou a confessar ainda por muito tempo e, para conservar o fruto dela, todos os dias fazia a Via Sacra. Mas como desde o início resolveu que esse exercício da Via Sacra fosse uma continuação da Missão, preparou material que servisse para converter pecadores e para consolidar os bons. Portanto, com uma seqüência admirável, cada dia, no momento oportuno, sabia fazer novas “invocações”, adaptadas para isso e convenientes com o mistério que se meditava em cada estação. Cada dia, para essa Via Sacra, concorria um grande número de pessoas, e percebia-se o fruto pelas muitas conversões e pelo aumento da piedade”; e nessas ocasiões, muitas vezes, foram vistas pessoas chorando, tal era a solidez dessas pequenas práticas e a unção e o fervor com que se fazia” (49).

Toda sexta-feira, à tarde, a partir de 1822, a convite do Bispo, Pe. Gaspar fazia um Pio Exercício em honra dos Sagrados Estigmas. O esquema era o seguinte: No início contavam-se os “grad” (algumas antífonas) da Paixão do Senhor. Segue-se pelo espaço de meia hora uma palestra de cunho moral tirada de um livro da Bíblia. A palestra, além de ser uma exortação para as virtudes cristãs, tinha como finalidade suscitar a devoção ao Crucifixo e às Chagas do Senhor. O pio exercício terminava no altar do Crucifixo, com a adoração das Cinco Chagas e orações apropriadas.

Em toda sua pregação, Pe. Gaspar mostra o Senhor presente na sua vida e procura, por meio de suas palavras, torná-lo presente:

“Por isso nada mais devo fazer que, expondo com toda simplicidade os fatos como naturalmente aconteceram, tornar a Paixão de Cristo bem próxima, não só do vosso pensamento, mas dos vossos próprios olhos, para que ela, muito enternecedora em si mesma, torne-se objeto atual da vossa mais terna compaixão” (MS 428).

Damos assim mais um exemplo desse aspecto da sua pregação com a seguinte “invocação à Cruz”:

“Santa Cruz, que eu devo adorar como a única que foste digna de amparar aquela augusta vítima que, em ti foi crucificada pelas nossas culpas, eu bem sei que custos e vários afetos tu podes despertar nos corações destes ouvintes, tu que agora te tornaste o estandarte da sua fé, o fundamento das suas esperanças, o conforto dos pobres, o desejo dos justos, o terror do inferno” (50).

A paixão, em geral, e os Estigmas em particular são temas freqüentes também nas suas relações apostolares. Muito significativos, para isso, alguns trechos das cartas ao Pe. Bragato.

“Se não podes em casinha para o corpo (a casa dos Estigmas), esteja com o espírito “in caverna maceriae” nas chagas do nosso sensibilíssimo Salvador, onde te deixo, abraçando-te com todo o coração” (51).

Também o modo significativo com que termina uma carta à Naudet:

“Deixo-te nas Chagas amorosíssimas de Jesus, onde desejo que habites” (52).

c - OS ESTIGMAS E OS SOFRIMENTOS DE PE. GASPAR

É uma clara característica de Pe. Gaspar considerar os sofrimentos físicos e os insucessos no apostolado à luz da Paixão em geral e dos Estigmas em particular. Quando um decreto do governo interrompeu uma Missão em São Firmo que estava tendo grande sucesso, Pe. Gaspar sentiu desprazer. Porém, procurou salvar o que pôde da Missão, dedicando-se dia e noite, durante alguns meses, a atender confissões. Conseguiu, também, substituir as pregações oficiais proibidas com a Via Sacra comentada (53).

Não é fácil elencar todos os elementos da vida de Pe. Gaspar que mostram o seu contínuo esforço em perder a sua personalidade. O modo com que Pe. Gaspar reagia e se exprimia durante os longos períodos de isolamento e de sofrimento físico é um caminho privilegiado para uma compreensão profunda do seu espírito invadido de autêntica esperança. Acontece muitas vezes que o sofrimento e o isolamento fazem transparecer o verdadeiro interior de uma pessoa. Porém, em situações tais, Pe. Gaspar não se deixa levar a grandes afirmações sapienciais. “Pode-se dizer que foi verdadeira humildade – escreve o Pe. Giacobbe – o não mostrar nada de si, nem singular, nem extraordinário em toda sua doença; o não expandir-se em peregrinas exclamações ou sapienciais sentenças” (54). Ao contrário, ele confessa toda a sua fraqueza e suas limitações por ocasião do sofrimento:

“Seja a debilidade da minha mente fatigada pela doença, pelo medo e pela dor, de sorte que me fizeram esta manhã, seja o negócio difícil em si mesmo, como acredito, eu, de ontem à tarde para cá, pensando, não encontro soluções senão com conseqüências desagradáveis.”

Apesar de tudo isso, Pe. Gaspar permaneceu solidamente firme na paciência e no espírito de Santo Abandono (55). Segundo seu primeiro biógrafo, eram freqüentes suas expressões de amor a Jesus na cruz. A sua ânsia constante era participar sempre mais profundamente do grande drama da Paixão de Jesus Cristo. O seu grande escopo, durante toda a vida, foi de associar-se ao Senhor no Calvário (56). Justamente aí estava o segredo da sua força de espírito. Ele traduzia na sua vida a expressão de São Paulo: “Trago no meu corpo os

Estigmas do Senhor” (Gl 6,17); e ainda: “Completo na minha carne o que falta nos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24).

Permanece significativa para nós a expressão de Pe. Gaspar sofredor: “Eis-me na escola”. De 1842 até sua morte em 1853, não saiu mais de casa. Não se conhece a natureza de sua doença. Todavia o mal e as freqüentes operações certamente fizeram-se presentes nesses últimos anos de vida. Pe. Gaspar sofreu uma terrível artrite, distúrbios estomacais e uma debilidade geral. Mas ele aceitou toda esta situação como uma espécie de mistério, sinal de um particular desígnio da Providência. O seu sofrimento era como dar a vida a um sacerdócio delineado sobre a imagem de Cristo Crucificado, marcado pelas Cinco Chagas.

Mas deixemos falar o próprio Pe. Gaspar, através de suas cartas, para descobrir com que sentimentos ele viveu essa dolorosíssima experiência:

“O Senhor colocou-me no leito...” (57)

“O Senhor tirou-me a Missa e o Ofício esta manhã, porque começou a purgar aquele tumorzinho no joelho. Veremos o que Ele quer” (58).

“Parece que a divina Providência, se não for minha pouca fé, quer dar-me vez por vez aquela pouca santidade que me é necessária para continuar a viver e fazer alguma coisa. Tem razão, não uma, mas mil” (59).

“Ele me quer ferido, não morto. Assim eu posso servi-Lo e não abusar de suas graças, e fazer a penitência que me é necessária” (60).

Nesta experiência Pe. Gaspar não estava muito longe do seu chagado Mestre, como ele mesmo o descreve em uma pregação:

“O suplício de Jesus excede, ou por assim dizer, transcende todos os suplícios. Não somente das mãos e dos pés, mas de todas as partes do corpo todo chagado – Ele recebe num mesmo instante dores agudíssimas, muito mais dolorosas, porque essas feridas tinham sido reabertas... Os carrascos de Jesus que não lhe deixaram nenhum membro sem ferimento, não permitiram que nenhum dos sentidos ficasse sem um tormento particular (61).

d. OS ESTIGMAS E A ESPERANÇA DE PE. GASPAR

Firmado na grande inspiração paulina de que estamos mortos e sepultados com Cristo, mas que com Cristo somos chamados a uma nova vida, Pe. Gaspar, em toda a sua vida, abriu-se aos grandes horizontes da esperança.

“Se nós estamos plantados na semelhança da sua morte, também o estaremos na ressurreição... Assim como o corpo de Cristo, sepultado na terra, deu como fruto a salvação do mundo, assim também, sepultados novamente na penitência, conseguimos os frutos da justiça, da adoção, da santificação, de inúmeros dons; conseguiremos também, em seguida, o dom da ressurreição” (MS 1308).

Pe. Gaspar prossegue desenvolvendo a alusão feita ao mistério pascal:

“Não temais os vossos adversários, se Deus está do vosso lado, não temais vossas fraquezas se Deus está convosco. Resolvi, determinai, prometei. Este é o ponto. O glorioso triunfador Jesus Cristo já ressuscitou depois de ter vencido com sua morte o pecado e o demônio. Aumentai a glória do seu triunfo, fazendo que Ele vença o pecado e o demônio, também em cada um de vós em particular...” (MS 917).

Nos exercícios espirituais aos clérigos e sacerdotes, Pe. Gaspar condensa sua mensagem de esperança na seguinte expressão:

“Cristo entrou com as cicatrizes das Chagas: eis o preço pelo qual adquiri este reino; tem que ser valorizado”.

No final de uma longa labuta por uma fiel missão apostólica, abre-se aos grandes horizontes da esperança.

“Sirvamos àquele que por todos os títulos é nosso Patrão, e que muito bem comprou a nossa servidão, servindo-se Ele mesmo a nós por primeiro, com tantas fadigas, tantas humilhações, tantas penas, e que finalmente nos promete conservar a nossa servidão, fazendo-nos sentar junto com Ele sobre o próprio trono de Sua glória” (b2).

“O nosso amável Mestre Jesus Cristo entra no meio dos seus discípulos para consolá-los com o testemunho real da sua gloriosa ressurreição, dando-lhes a sua paz: Pax vobis! ; sou eu, não temais...”

Quantos não são os cristãos modernos que, convidados a chegarem mais perto do seu Deus – isto é, de servi-lo, no seu estado, com maior perfeição – afastam-se amedrontados! ... A verdadeira devoção consiste em uma vontade pronta de entregar-se a Deus e dedicar-se às coisas que mais pertencem ao meu serviço” (63).

Referindo-se à imagem dos Estigmas como sinal Pascal, Pe. Gaspar leva seus ouvintes pela estrada da esperança:

“Imaginaí vê-Lo como apareceu a alguns discípulos, tão vivo e luminoso, e com as cicatrizes das Chagas, convidando-vos também para o céu, para onde pretende voltar: Vou preparar-vos um lugar...” (64).

Encontramos a grande esperança baseada na ressurreição em uma pregação do domingo in Albis, dia 5 de abril de 1807:

“Terminados nos dias passados os lamentos da penitência, consumada nesses dias a vossa justificação, celebrada, como creio, por todos Vós a Páscoa no dia de hoje;: eu vos vejo, pois, ressuscitados com Cristo caminhar

na vida nova, apressar-vos solícitos com os discípulos para ver Cristo na Galiléia.

Falo, pois, com homens que, do temor da contrição, atingem com segurança a confiança na divina misericórdia; que, da alegria do século e da consolação do mundo, pela compunção e pela tristeza que é de Deus, já passaram por uma santa e devota exaltação, para um vivo e espiritual prazer no Espírito Santo; o que não somente faz entristecer com a lembrança das faltas passadas, mas alegra a memória e aumenta o desejo dos prêmios eternos... Continua o Apóstolo: não sabeis que todos que fomos batizados em Cristo Jesus (acrescentai vós: ou lavados no sangue de Cristo pela penitência), na sua sorte fomos batizados? Eis como se dá essa morte: o Batismo, a Penitência, se torna a nossa Cruz; e também o nosso sepulcro. Somos, de fato, nos diz, v.4, sepultados com Ele pelo Batismo da morte, até que cada um de nós morra como Ele morreu, se bem que não nas mesmas coisas. Ele na carne foi morto e sepultado; nós o fomos no pecado. Um e outro morreram, mas não do mesmo tipo de morte. A morte de Cristo é da carne, a nossa é do pecado: e tanto uma como outra são verdadeiras mortes.

Embora seja verdade, é conveniente que façamos tudo aquilo que da nossa parte devemos. E acrescenta: assim como Cristo ressuscitou dos mortos para a glória do Pai, assim também nós devemos caminhar pela vida nova. Proposta a futura ressurreição, São Paulo exige de nós uma outra ressurreição; uma nova instituição na vida presente, pela mudança dos costumes...”

A alegria, fruto da esperança, tem um significado especial nas Chagas:

“Quanto ao mais, sede alegres; e quando vos suceder um pouco de alegria, voai com o pensamento ao quatinho do Pe. Miguel: se não tendes sempre as asas prontas para elevar-se acima das nuvens no seio do vosso Deus, e nas Chagas gloriosas do vosso Salvador.

Buscai as coisas do alto, onde Cristo está (Cl 3,1). Sentai-vos aí como um do seu povo na beleza daquela paz: pois tudo acaba depressa, mas aquela paz eterna jamais tem fim” (65).

B) CRISTO ESPOSO

- 1. CRISTO ESPOSO DA IGREJA.** A imagem de Cristo esposo da Igreja é familiar a Pe. Gaspar. Naturalmente parte do pensamento de São Paulo, tão maravilhosamente expresso na carta aos Efésios (Ef 5,21 ss.). Não há dúvida, porém, que Pe. Gaspar desenvolve. Essa imagem de Cristo Esposo da Igreja, também à luz do pensamento de Santo Inácio:

“Quem deseja servir como soldado de Deus sob a bandeira da Cruz, em nossa Companhia, que queremos chamar com o nome de Jesus, e servir somente o Senhor e a Igreja sua Esposa...” (66).

A presença permanente do esposo, para Pe. Gaspar , é motivo de grande esperança para a Igreja.

“E sendo (a Igreja) fortemente governada pela graça do seu Esposo, mas ao mesmo tempo suavemente, numa cooperação mútua, acontece que também ela se governa e rege. E porque singularmente por meio das tribulações consegue a finalidade do seu governo, que é a perfeição da graça nessa vida e da glória na outra, assim nós a consideramos na maneira deste governo admirável, no qual surgirá igualmente a admirável Providência do seu Esposo que a rege e as singulares virtudes da Igreja, com as quais ela sempre se dirige conforme o seu espírito” (MS 4909). “Pelas tribulações temperadas com as consolações interiores... a Igreja sofre de um modo que não se deixa observar pela tristeza, ouvindo a voz do seu Esposo” (MS 4914).

“Fazei que nós, vindo trabalhar nesta casa, nos conformemos com o espírito dos Patrões, com o Espírito do Esposo e da sua Esposa, a fim de que, usando do mesmo modo as aflições que esta vossa casa, tendo diante dos olhos a adorável intenção da vossa Providência, possamos colher os frutos da vossa misericórdia, que é a nossa justificação e perfeição, para vossa maior honra e glória” (MS 4930).

Sempre à luz de Cristo Esposo da Igreja, Pe. Gaspar exorta a não dilacerar a Igreja, mas servi-la com os dons do Espírito Santo.

“Com o dom do intelecto, o sacerdote não lacera a Igreja... o nosso Juiz... manterá sempre os direitos da sua Esposa, como seus, ou, ainda, com maior zelo” (MS 2559).

Escrevendo à Naudet, Pe. Gaspar insiste sobre o mesmo pensamento:

“Eis a linha que o Senhor exige, e a seu tempo fará um belo tecido, para vestir a sua Igreja no dia das bodas. Louvado seja Deus, pelo que ensinou Vossa Senhoria escrever e por tudo quanto Ele está para fazer” (67).

Justamente porque é a Esposa de Cristo, Pe. Gaspar acha importante seguir o espírito da Igreja e imitá-la como seus filhos.

“Senhor, tendo nos chamado para a casa do Vosso Filho, onde vos prevenis das perseguições por meio dos Apóstolos: “Quem quer viver piamente em Jesus Cristo sofrerá perseguições”, fazei que nós adquiramos o costume da Igreja, para que possamos nos preparar, e não nos tornemos ingratos ou filhos e servos indignos; mas, ao contrário, imitadores dela como ela é do seu

Esposo e nosso Senhor. Fazei que conheçamos o Espírito da vossa Esposa, a Igreja, a fim de que, conhecendo o mesmo, amando o desejemos, desejando abramos a boca para pedi-lo a Vós, e o coração para atraí-lo. “Abri a minha boca e aspirei” (SI 118, 131)” (MS 4933).

Pe. Gaspar desenvolve ainda este tema da imitação da Igreja como modelo e inspiração do trabalho apostólico.

“Senhor, conhecemos as tribulações de vossa Igreja, onde se distingue a admirável Providência de vós, seu Esposo, e a prudente e virtuosa conduta de vossa Esposa. Nós adoramos o vosso sapientíssimo governo e vos pedimos que nos ajude a imitar a Vossa Esposa na conformidade com tudo e em nos conduzirmos bem neste: quem quiser vir após mim, tome sua cruz” (Mt 16,24). Fazei que carreguemos, não arrastemos a cruz, e carreguemos de boa vontade, para que cheguemos a gloriarmo-nos nela, e a levemos com tanto amor para alcançarmos a não nos gloriarmos senão nela: “longe de mim gloriar-me senão na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (MS 4963).

Sobre tudo, Pe. Gaspar exprime a sua inabalável fé na presença do Senhor na Igreja.

“Senhor, vós atraís todas as coisas aos desígnios adoráveis da vossa Providência, com a suavidade e a eficácia da vossa graça, fruto precioso da vossa casa. “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32). Assim vós atraís a vossa Esposa, a Igreja, nossa mãe, e vossos filhos que somos nós” (MS 5005).

“Mas a vossa Esposa Vós a atraís (quase) pela mão, pela vossa direita, pois ela não tanto vos segue, mas Vos acompanha: “Leva-me” (Ct 1,3). Já que quase dividis com o seu materno cuidado a execução da vossa paterna Providência sobre nós. Nós, como tenras criancinhas não podemos correr convosco, que não dais passos, mas o caminho” (SI 18,63). Corremos também atrás de Vós: “corremos atrás de ti”, ao perfume das vossas graças: “ao perfume dos unguentos” e dos ensinamentos, das disciplinas e dos exemplos de nossa Mãe, que são graças vossas” (MS 3659).

Pe. Gaspar mostra a força e a beleza da Igreja, Esposa de Cristo, na unidade.

“A Igreja, Esposa de Jesus Cristo, é uma imagem viva da divindade, revelando-nos os traços principais: a Unidade: “Pai santo, guarda aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós... para que sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, para que também eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste (Jo 17,11-21). A unidade é para a união, o entrelaçamento das partes; faz a beleza imutável e a força invencível da Igreja “formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército formado em batalha” (Ct 6,9) (MS 3659).

Mas Pe. Gaspar, coerente com sua espiritualidade, vê sobretudo a Igreja como modelo de Santo Abandono, que é pois uma característica própria da Igreja como Esposa.

“A esperança que o Senhor dá, a demonstração da sua caridade, em suma, a consolação divina, se, no que diz respeito ao nosso trabalho, ainda estamos no escuro, nos mantém firmes para esperar o momento da luz para trabalhar; se estamos no claro, nos anima no trabalho. Esta parece a prática da sua Esposa, que é a Igreja, Garantida pela certeza da promessa divina da assistência do Espírito Santo, jamais cessa de procurar luz para trabalhar, ou em defesa da verdade a ela confiada, ou da disciplina. E, quando distingue claro, não para de procurar, de estudar, de consultar, para prosseguir mais na luz e no trabalho. E nas duas situações é sempre uniforme o seu abandono em Deus. Este, se eu não me engano, é o perfeito modelo de nosso abandono no Senhor. Bela virtude é abandonar-se nos braços potentes da Divina Providência, quando não podemos agir; mas mais perfeita e consumada virtude, quando podendo e devendo, não deixar igualmente de abandonar-se totalmente a ela” (68).

2. CRISTO ESPOSO DA ALMA. A realidade da união de Cristo com o crente, expressa através da imagem nupcial, torna-se particularmente importante quando nos encontra empenhados na própria santificação e na dos outros. Pe. Gaspar acreditava no princípio: “a força unida é maior”, quando pensava num grupo de zelosos missionários apostólicos. O princípio é ainda mais verdadeiro quando se considera a relação entre Cristo e o missionário apostólico, e pode ser mais completamente expresso no princípio paulino: “Quem está unido ao Senhor é um só espírito com ele” (1Cor 6,17). É por isso que Pe. Gaspar considera esta voluta, íntima união com Cristo o ideal para a Congregação.

“Cada um, pois, tenda com todo o esforço àquela perfeição da Castidade que convém a pessoas cujo ofício é angélico; que são paraninfos de Cristo, nosso Senhor, e cuja alma, desposada com Ele, deve ser apresentada a Cristo como virgem casta, isto é, pura de mente e de corpo” (CF109).

Este princípio de união não se limita à vida de celibato mas, segundo o Fundador, é o princípio básico de santidade pessoal e da atividade apostólica.

“Se é devido tanta honra às igrejas porque são templos materiais da majestade de Deus, como será honrado pelos anjos e pelos homens um templo vivo, esplêndido, interior, onde se realizam castíssimas e sublimes núpcias entre Deus e a alma? Eu te desposarei, já anunciava desde o tempo dos profetas, te desposarei na fé (Os 2,20), na justiça, na caridade, já que estas são as três pedras preciosas com que a enfeita. Se quereis ver também o hábito desta época celeste, São Paulo o mostrará: Oh Deus! Quão

esplêndido! “Revesti-vos” – diz ele – e de que? “Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14). Que beleza pode ser comparada com a de uma alma que Deus enfeita para ser sua esposa? Faltam-me cores para colori-la; somente vos direi, assombrado como o Apóstolo, que quem se une a Deus com uma união tão profunda, torna-se pela transformação amorosa um só espírito com Ele” (69).

A união do crente com o Cristo é consumada no sangue preciosíssimo do Senhor, derramado para a nossa redenção.

“Ah! Irmãos! Um olhar só a essa cruz; ela vos mostrará como o homem-Deus comprou caro o vosso coração com o preço de todo o seu sangue. A nossa alma é filha adotiva de Deus, de quem traz impressa a ilustre aparência e a imagem clara; é dignificada pela graça superior à sua natureza divinizada, deificada, a quem os anjos estão dispostos a servir com ambicionado cortejo. Cristo é seu irmão, e a alma tem em comum com Ele a herança e o reino. A uma alma de tão clara origem, ornada de inefáveis qualidades, a quem daremos como esposa? A que, se não ao amor divino? Amemos a Deus, amemos a Deus” (70).

Toda a vida de Pe. Gaspar é invadida pela espera do Esposo, que vem para contemplar e selar a união.

“O tempo é breve; e a aparência deste mundo logo acabará. Nós, no entanto, a passos largos, cada dia, nos aproximamos de uma eternidade estável. Tudo o que devemos fazer, convém fazê-lo logo e com bastante pressa. Esperamos por acaso que a noite nos colha, para começar a trabalhar? Esperamos que venha o Esposo, para abastecer de óleo as nossas lâmpadas já quase apagadas? Esperamos que nos chamem para as núpcias, para então tecer o pano da veste nupcial? “Eis que venho depressa, nos faz saber o Patrão e o Esposo: Eu estou aqui convosco e comigo trago a minha recompensa”: “e a minha recompensa está comigo” (Ap 22,12). Feliz a alma que já estiver bem preparada, e disposta a recebê-lo: “vem”, e ela ouvirá, “vem minha esposa, recebe a coroa que o teu Senhor preparou desde a eternidade” (71).

Também a conversão é vista por Pe. Gaspar como uma celebração nupcial, e a atividade apostólica como uma preparação às núpcias. Pe. Gaspar desenvolve esse tema referindo-se a Isaac, que procura uma esposa.

“Isaac simboliza o Unigênito Filho de Deus, que é esposo das almas fiéis. O servo mandado para buscar a noiva simboliza os pregadores, que, enviados para anunciar aos povos a Palavra de Deus, tornam-se procuradores dessas felizes núpcias. Por certos sinais eternamente predeterminados, os pregadores reconhecem ora esta, ora aquela alma eleita por Deus, e figurada em Rebeca. A esta alma insinuam doces desejos de se converterem a Cristo

e de as unirem a Ele pela graça; e apresentam ricos penhores em Seu nome, até que ela consinta plenamente, seguindo a pregação, de chegar até Cristo. Então, com grande alegria, levam a noiva ao seu Senhor” (72).

Sempre sobre o tema nupcial Pe. Gaspar fez simples mas profundas considerações sobre a fecundidade do missionário apostólico.

“Em quantos sacerdotes se verifiquem esta esterilidade, porque nunca atingem a idade madura da perfeição, “o estado do homem perfeito, segundo a medida da idade completa de Cristo” (Ef 4,13)”.

“Não têm meios” (Ct 8,8) de caridade, “ou têm peitos secos”, como Deus os reprova em outra parte da Escritura (Os 9,14), porque nunca se alimentam com a oração. “Meu coração secou-se, porque até me esqueci de comer seu pão” (Sl 101,5). Áridos para si e para com seus filhos. As mães e as amas que amamentam comem bastante e são dispensadas do jejum. Os sacerdotes morrem de fome, como poderão alimentar os filhos? “A ciência incha os seios, a devoção os abastece” (MS 4881).

3. ABANDONO NUPCIAL. Parece-nos possível notar que no pensamento do Fundador há a tendência de colocar juntas as suas duas devoções fundamentais do estigmatino, os Sagrados Estigmas e os Santos Esposos, dentro da perspectiva unificante do ABANDONO NUPCIAL. Nessa perspectiva o tema dos estigmas e do sangue de Cristo se desenvolve em íntima conexão com o tema nupcial. Eis alguns exemplos dos escritos do Fundador:

“Mostra, pois, às almas que devotamente te contemplam, aquelas aberturas cruéis que te fizeram os mesmos cravos que antes dilaceraram os pés e as mãos de Jesus. Mostra aquele lugar onde em ti reclinou a cabeça expirando este teu pai amoroso, ou melhor, amigo fiel, irmão muito terno, Esposo gentil e amável. Mostra, enfim, aquele sangue derramado por seu amor, do qual tu ainda em longas estrias tinges e gotejas. Faz com que, à impressão que neles possa causar a tua vista, se unam também as vozes deste sangue eloqüente, como o chama o apóstolo (Hb 12,24), para que por ti se produza no coração de todos nós aquela comoção tão grande que eu acredito muito bom ver, mas não consigo reproduzir nas minhas palavras” (73).

E ainda em uma carta:

“Mas onde se aprende esta prudência tão humana, mas celeste? E quem pode fazer leis e ensinar? Eis a escola, eis o mestre, que a Escritura nos indica: “o Rei introduziu-me nos seus aposentos interiores, eu me regozijarei” (Ct 1,3). É preciso deixar-se levar por este Rei que nos chama, nos convida, espera –nos até que entremos na cantina do seu Amor com aquelas belíssimas palavras: “Escuta, ó filha, vê e inclina o teu ouvido, esquece-te do teu povo e da casa de teu pai, e o rei cobijará tua beleza (Sl 44,11).

“Tendo a alma chegado até aqui, para grande sorte sua, a inebria com o vinho de sua caridade. Este vinho precioso alegra, fortifica, transporta a alma fora de si, e unindo-se com Deus a dispõe perfeitissimamente: “eu me regozijarei”. Portanto uma luz de admirável sabedoria e divina prudência espalha-se pelo intelecto, para julgar quanto atribuiu o Deus como efeito, ou como meio para consegui-lo no futuro, e glorificá-lo no presente” (74).

E em um sermão sobre Nossa Senhora:

“Maria é realmente Virgem, virgem santa de corpo e de mente, virgem perpétua, templo de Deus por união, por adesão ao seu Esposo divino. Sacrário do Espírito Santo pela consagração e pela dedicação que fez totalmente de si mesma a sua Divina Majestade... Aquelas mesmas que, revestidas da glória do Amado, quase rainhas, são convidadas para a ceia das núpcias do Cordeiro, todas concordemente elevam suas vozes para louvar-te, para elogiar-te, e obsequiosas oferecem seus brancos lírios e os depõe aos pés do trono da tua grandeza” (75).

CONCLUSÃO

A seqüela generosa de Cristo nos vem apresentada por Pe. Gaspar como algo que emerge naturalmente da mensagem rica e intimamente ligada às nossas devoções estigmatinas.

Os Estigmas do Senhor são a manifestação do amor de Deus para conosco, o amor mútuo de Maria e José, para o estigmatino uma lição, um modelo de correspondência com total comprometimento e coerência com Cristo, o Servo do Pai e Esposo da Igreja.

As duas devoções constituem um encorajamento nas difíceis obrigações da vida apostólica e comunitária, e do aperfeiçoamento pessoal. Mas as duas são uma espécie de “memorial”, um sinal permanente de que Deus está conosco, que Cristo é uma só coisa conosco na missão apostólica e que o Espírito Santo habita em nossa vida.

Um dos aspectos fundamentais da seqüela de Cristo, assim como emerge das nossas devoções, é o que poderia ser definido como PRINCÍPIO ESPONSAL.

Tal princípio é uma formulação, a nosso ver mais adaptado à sensibilidade moderna, do pensamento de Santo Inácio sobre a idéia de INSTRUMENTO. Santo Inácio, em uma carta a um seu provincial, assim exprime o seu pensamento: um instrumento ordinário faz coisas extraordinárias quando está unido intimamente ao artista. Pe. Gaspar reformula esse pensamento na perspectiva nupcial. Para Pe. Gaspar, a mais alta seqüela de Cristo é a de quem se une a Cristo como Esposo; e é esta união íntima,

esponsal, que garante a fecundidade, apesar da pobreza da pessoa. Eis um texto fundamental do Fundador para compreender este pensamento:

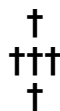
“Muitos seguem o Cristo por RECOMPENSA TEMPORAL. Mas o mercenário chegado à porta, recebe e fica fora da casa: “recebeste a tua recompensa” (Mt 6,2).

Muitos seguem o Cristo COMO SERVOS POR TEMOR: estes seguem, mas de longe; e, estando longe, não participam dos segredos do seu patrão. “O servo não sabe o que faz o seu Senhor” (Jo 15,15).

Alguns seguem o Cristo como FILHOS, POR AMOR UM POUCO INTERESSADO na herança; mas os filhos são, muitas vezes, mais amados que amantes; muitas vezes, chegam a desprezar o Pai, se este ordena alguma coisa contrária ao seu gosto, que é útil para eles, mas difícil e pesada: “Criei filhos e engrandeci-os, porém eles desprezaram-me” (Is 1,2). Poucos seguem Cristo como AMIGOS, que fundamentam seu amor na comunicação mútua dos bens; mas se acaba, por uma disposição talvez oculta, mas sempre justa da Providência, a doce influência desses bens, e se substitua pela amarga participação dos males do amigo: “Todos, tendo-o abandonado, fugiram” (Mt 26,56); os mesmos que eram amigos declarados de Cristo: “Todos buscam os seus próprios interesses, e não os que são de Jesus Cristo” (Fl 2,21).

Pouquíssimos seguem Cristo como AMANTES, que ao primeiro ímpeto do fogo do seu terno amor seguem Cristo onde quer que Ele vá, ou no Tabor ou ainda no Calvário, e, ao odor dos seus perfumes, das consolações internas e inspirações, correm, porém atrás Dele; não chegam a correr no mesmo passo, nem podem concorrerem igual velocidade com Ele, que dá não passos, mas saltos de gigante, percorrendo o caminho. “Exultou como um gigante” (Sl 18,1). Mas a esposa adulta na escola do amor não é atraída pelo perfume, mas pela mão direita do esposo: “Leva-me” (Ct 1,3), estreitando-se fortemente a Ele e apoiando-se na sua força, vai com passo igual e com Ele não corre, mas voa: “apoiada sobre o seu amado (Ct 8,5).

(Chegamos) a nos tornar quase um mesmo espírito com Cristo, de um tal modo que finalmente (chegamos) a poder dizer “vivo, mas já em total e perfeita transformação de amor: “para ganhar o Cristo e ser encontrado nEle (Fl 3,8 ss.), perdendo-se totalmente para encontrar-se todo em Cristo; de tal modo que não se possa mais encontrar (nós mesmos), se não Cristo, ou melhor, em Cristo; nem diferenciar, eu quase diria (nós mesmos), de Cristo; desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo (MS 1865-1870).



NOTAS

Os Manuscritos de São Gaspar são citados no texto com **MS** e o número correspondente.

CF significa “Constituições do Fundador”.

Segue a tabela das referências citadas no texto e seus significados:

Número	Significado
01	Epistolário Bertoni, p. 68
02	Pagine di vita cristiana, p. 128, seg. Cf. Um modelo de Santo Abandono.
03	Memorial Privado, 02 de julho de 1808
04	Memorial Privado, 16 de março de 1809
05	Memorial Privado, 24 de julho de 1809
06	Memorial Privado, 25 de outubro de 1808
07	O Espírito do Beato Gaspar Bertoni, G. Fiorio, p. 107, n. 72
08	O Espírito do Beato Gaspar Bertoni, G. Fiorio, p.15 ss,
09	Memorial Privado, 25 de outubro de 1808
10	Memorial Privado, 22 de outubro de 1808
11	Memorial Privado, 03 de dezembro de 1808
12	Fórmula dos Jesuítas
13	Mutuae realtiones, n. 11
14	N. Dalle Vedove, Um Modelo de Santo Abandono, p. 210
15	Memorial Privado, 27 de setembro de 1808
16	Memorial Privado, 24 de agosto de 1808
17	Memorial Privado, 28 de setembro de 1808
18	Memorial Privado, 25 de setembro de 1808
19	Memorial Privado, 22 de outubro de 1808
20	Epistolário Bertoni, p. 33 ss.
21	Pagine di vita cristiana, p. 251 ss.
22	Memorial Privado, 24 de julho de 1808
23	Collectanea Stigmatina III, p. 548 ss.
24	Collectanea Stigmatina II, p. 236 ss.: (Contemplatio ad amorem spiritualem in nobis excitandum)
25	Epistolário Bertoni, p. 33
26	Cf Costa, SJ: Aspetti dello stille di elezione, Roma CIS Subsidia, 6)
27	Epistolário Bertoni, p. 109
28	Epistolário Bertoni, p. 256

Número	Significado
29	Memorial Privado, 12 de julho de 1808
30	Memorial Privado, 30 de julho de 1808
31	Memorial Privado, 23 de dezembro de 1808
32	Memorial Privado, 29 de fevereiro de 1809
33	Memorial Privado, 06 de março de 1809
34	Epistolário Bertoni, p. 68
35	Epistolário Bertoni, p. 140
36	Epistolário Bertoni, p. 160 – 161
37	Pe G. Ceresatto, Il Volto e l'anima del Vem. G. Bertoni, p. 28 ss.
38	Cf. Summarium Additionale, 307
39	N. Dalle Vedove, Um Modelo de Santo Abandono, p. 239
40	Dictionaire de Spiritualité, Vol. I, "Abandonament"
41	N. Dalle Vedove, Um Modelo de Santo Abandono
42	Cf. Feuillet, Le Mystere de l'amour divin dans la theologie johannique, Paris; Gabalda 1972, p. 69 ss.
43	Cf. L'amore di Dio, BK IX, c. 15. Cf. DS I col 8
44	Cf. N. Dalle Vedove, La giovinezza del Ven. G. Bertoni, p. 429 ss. 432 ss.
45	N. Dalle Vedove, Um Modelo de Santo Abandono, p. 88
46	Summ. Add., p. 518
47	Cf. N. Dalle Vedove, Vita e pensiero del B. G. Bertoni, Vol. I, p. 294
48	Para maiores detalhes cf. Lenotti, Summ. Add., p. 132, 147; Giacobbe, p. 348. Sobre a prática da devoção aos Sagrados Estigmas de N. S. J. C., que se fazia todas as sextas-feiras à tarde durante os anos em que Pe. Gaspar morou nos Estigmas: cf. Summ. Add., p. 61 ss.
49	Cf. N. Dalle Vedove, Beato G. Bertoni, Roma 1975, p. 185
50	Cf. N. Dalle Vedove, Vita e pensiero del B. G. Bertoni, Vol. I, p. 71
51	Epistolário Bertoni, p. 312, carta 2
52	N. Dalle Vedove, Dalla Corte al Chiostro, p. 18
53	Cf. Summ. Add., Doc. XXVI, p. 377; Note per servire alla storia del Vem. Gaspare Bertoni, serie V, p. 39. E cf. N. Dalle Vedove, Um Modelo de Santo Abandono, p. 172
54	Cf. Summ. Add. Doc. XXVI, p. 420
55	N. Dalle Vedove, Beato G. Bertoni, Roma 1975, p. 212
56	Cf. Ibid., p. 222
57	Epistolário Bertoni, carta 147
58	Epistolário Bertoni, carta 142
59	Epistolário Bertoni, carta 104

Número	Significado
60	Epistolário Bertoni, carta 99
61	Pagine di vita cristiana, p. 282
62	Pagine di vita cristiana, p. 215
63	Pagine di vita cristiana, p. 200 ss.
64	Collectanea Stigmatina I, p. 230
65	Epistolário Bertoni, p. 318
66	Formula 3
67	Epistolário Bertoni, p. 81
68	Epistolário Bertoni, p. 99
69	Pagine di vita cristiana, p. 306
70	Pagine di vita cristiana, p. 174
71	Pagine di vita cristiana, p. 206
72	Pagine di vita cristiana, p. 232
73	Pagine di vita cristiana, p. 272
74	Epistolário Bertoni, p. 56
75	Pagine di vita cristiana, p. 325 - 326